

Crônica - As cruzadas vistas pelos árabes: O Reino dos Céus na Terras Levantinas

Amin Maalouf, nascido em Beirute, em 1949, e atualmente radicado na França, é uma voz central da literatura francófona e do diálogo entre o mundo árabe-islâmico e o Ocidente cristão. Em suas obras, ele alia rigor histórico a sensibilidade narrativa, construindo pontes culturais e oferecendo leituras críticas, densas e nuançadas dos encontros entre civilizações. Embora eu ainda não tenha lido *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, guardo viva a lembrança de outra de suas obras, *Leão, o Africano*, na qual o autor descreve a queda muçulmana na Península Ibérica e a diáspora que se seguiu, lembrando também que muçulmanos e judeus nem sempre estiveram em lados opostos, mas muitas vezes compartilharam destinos, convivências e alianças.

Maalouf é frequentemente visto como um verdadeiro “construtor de pontes culturais”. Sua escrita combina pesquisa histórica, imaginação literária e uma reflexão aguda sobre o presente, sempre evitando simplificações e valorizando as nuances dos conflitos e dos encontros civilizacionais.

No imaginário árabe-islâmico, uma figura emblemática desse período é Şalaḥad-Din, conhecido no Ocidente pelo nome latinizado Saladino. Nascido por volta de 1137, em Tikrit, e falecido em 1193, em Damasco, de origem curda, ele fundou a dinastia aiúbida e governou vastos territórios — entre eles Egito, Síria, Palestina, Iêmen e partes da Mesopotâmia. Sua trajetória começou ao lado do tio Shirkuh, nas campanhas no Egito. Após a morte deste, tornou-se vizir e, mais tarde, consolidou seu poder, abolindo o califado fatímida, de orientação xiita, e governando em nome do califado abássida, de tradição sunita.

Saladino encarna, na tradição política islâmica, o ideal do governante justo: justiça, moderação, autocontrole, coragem e responsabilidade moral. Sua conduta durante as Cruzadas - marcada por disciplina, clemência e disposição para negociar mesmo em tempo de guerra - transformou-o em símbolo de liderança virtuosa. O tratamento que dispensou aos habitantes de Jerusalém após a rendição da cidade,

evitando massacres e permitindo resgates, é lembrado tanto por cronistas árabes quanto por observadores cristãos como prova de sua honra e magnanimidade.

Além desse gesto humanitário, a unificação política promovida por Saladino respondia a uma preocupação prática e ética: a fragmentação enfraquecia a comunidade e facilitava invasões externas. Ao reunir territórios dispersos sob uma mesma autoridade, ele concretizou um ideal de coerência política e solidariedade religiosa que vinha sendo formulado desde o período abássida.

Em um panorama mais amplo, entre os séculos VIII e XIII, o mundo islâmico destacou-se na ciência, na medicina, no comércio urbano e na preservação do saber clássico, enquanto grande parte da Europa ocidental vivia sob estruturas feudais menos urbanizadas. A partir do século XII, porém, intensificou-se a transferência de conhecimento - pela Espanha islâmica, pelas Cruzadas e pelas rotas comerciais - e a Europa começou a recuperar terreno. Com o surgimento das universidades e os avanços tecnológicos, entre os séculos XIII e XV, passou gradualmente a ocupar posição de liderança em áreas como capacidade militar e expansão marítima.

O declínio muçulmano, a partir de então, não decorreu de um abandono voluntário do saber nem de um evento súbito. Resultou de um processo mais longo de enfraquecimento da investigação científica e do debate filosófico, provocado por uma combinação de fatores: fragmentação política, perda de centros urbanos e de patrocínio intelectual, invasões - como as dos mongóis -, mudanças econômicas e transformações institucionais. Todos esses elementos reduziram recursos e incentivos para determinadas formas de produção do conhecimento.

Em suma, não houve um simples “abandono” do saber seguido por uma conquista religiosa universal. Houve, sim, processos complexos e interligados, tanto no mundo islâmico quanto na Europa, que redesenharam o equilíbrio de poder e abriram caminho para a expansão ultramarina. Esse percurso confirma uma lição antiga e sempre atual: nada é definitivo; conquista-se hoje, perde-se amanhã.

Getúlio Medeiros é filólogo, professor de línguas estrangeiras modernas e juazeirense de coração.